

## **ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: EM DUAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PELOTAS**

PALOMA SOARES MENDES<sup>1</sup>; KAREN FURTADO DOS SANTOS<sup>2</sup>  
MADALENA KLEIN

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - palominha.mendes.2009@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - karenpel.santos@yahoo.com.br  
Universidade Federal de Pelotas – keinmada@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Até pouco tempo existia duas modalidades de escolas uma de ensino regular para crianças, adolescentes, jovens e adultos ditos normais e outra para os deficientes, denominadas escolas especiais. Ou seja, os alunos com deficiência não frequentavam as mesmas escolas que os alunos sem deficiência.

Mas isso vem sendo repensado, mudanças ocorrem e já ocorreram nessa questão. O papel das leis que permeiam a educação inclusiva que temos hoje foi e é fundamental para uma nova escola onde ambos os alunos - com ou sem deficiência - passam a ocupar o mesmo espaço que não é mais escola regular ou especial e sim Inclusiva.

Nessa perspectiva, a Política de Educação Inclusiva propõe o Atendimento Educacional Especializado que é uma proposta suplementar ao ensino regular, sendo que em um turno o aluno vai para a sua classe e no outro vai para o AEE. Esse atendimento é obrigatório para os alunos em situação de inclusão e funciona em uma sala de recursos multifuncionais. Em nosso trabalho iremos estudar, discutir, problematizar questões que permeiam o AEE, assim também como pesquisar salas de recursos multifuncionais no Município de Pelotas.

Nosso objetivo é pesquisar amplamente o AEE em suas plenitudes teórico e prático para nos aprofundarmos nesse conhecimento, tendo em vista que ele é fundamental não somente para a escola, mas para a sociedade onde as diferenças são presentes em cada grupo de pessoas e também em um mesmo grupo.

Segundo BATISTA e MONTOAN (2007, p.17),

“Aprender é uma ação humana criativa, individual, heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou ser menos privilegiada. São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e clareiam o entendimento dos alunos e professores. Essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele.”

Assim, deve-se ter claro que o importante não são as limitações dos alunos com deficiência e sim investir em suas potencialidades estimulando a aprendizagem de acordo com o seu ritmo, observando os avanços obtidos através das mediações.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do trabalho pautou-se em três etapas: a primeira, estudar e pesquisar autores que trabalham com o tema; o segundo, conhecer as leis e o que elas orientam sobre o Atendimento Educacional Especializado e o terceiro pesquisar quantas escolas do Município de Pelotas possui sala de recursos multifuncional para o AEE, assim também como conhecer algumas delas e o seu trabalho através da realização de entrevistas com as professoras responsáveis.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Fomos a duas escolas municipais, em uma delas a sala de recursos para o AEE está em funcionamento desde 2005 e a outra desde 2011. Segundo as entrevistas realizadas com as professoras a implantação das salas ocorreu mediante um pedido para a Prefeitura que encaminha suas demandas ao MEC (Ministério da Educação) mostrando as suas necessidades.

Em uma das escolas trabalham três professoras na sala de recursos sendo uma em cada turno. A formação das mesmas é em Pedagogia, Psicopedagogia, e ainda cursos de qualificação promovidos pelo CAPTA (Centro de Apoio, Pesquisas e Tecnologias para a Aprendizagem) e outros espaços de formação continuada. O atendimento é individual, atendendo três alunos por manhã, totalizando quinze alunos.

Nessa mesma escola, segundo informaram as professoras entrevistadas, os alunos que são atendidos têm diferentes deficiências como Síndrome de Down, Deficiência mental, Autismo, Dificuldade de Aprendizagem, Síndrome de Williams, Baixa Visão e Cego. A metodologia que é utilizada para o trabalho desses alunos é baseado em Paulo Freire e parte do ponto do que o aluno já sabe. Uma das estratégias é o reconhecimento da letra do nome do aluno para a partir daí realizar outras atividades.

A sala do AEE recebe materiais no início do ano tais como armário, quadro branco, máquinas para cego/baixa visão, máquina em braile, calculadora, regletes, programas para o computador, instrumentos para bandinha, tapete tátil, jogos táteis e a escola por conta própria tem cadeira e classe para cadeirante.

Perguntamos para a professora se ela e suas colegas percebem diferença na aprendizagem dos alunos, ao que ela respondeu que sim, dando o exemplo de um aluno com dificuldade de aprendizagem que não sabia amarrar o tênis e aprendeu. Ela ressalta que foi uma conquista; os pais também perceberam a evolução do aluno. Em relação às dificuldades de trabalho, as professoras responderam que é trabalhar com alunos no qual o laudo não especifica a deficiência.

Nessa escola, primeiramente as vagas para o AEE são ofertadas para os alunos da mesma e caso não sejam preenchidas, são ofertadas para alunos de outras escolas. A relação da professora da sala de recursos com professora titular da turma do aluno é pouca, segundo a entrevistada.

Na segunda escola visitada apenas uma professora trabalha na sala de recursos, tendo apenas vinte horas e adaptando seu horário para atender a todos os alunos. Sua formação é em Pedagogia, Psicopedagogia e especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Em média são atendidos vinte e cinco alunos, dentre eles tem alunos com Deficiência física, Visual, Síndrome de Williams, Múltipla Deficiência, Síndrome do Espectro autista. Atualmente são atendidos somente alunos da própria escola, mas antes alunos de outras escolas também. O profissional da sala do AEE tem parcerias com o professor do ensino regular.

A metodologia utilizada no trabalho com os alunos consiste em no início do ano a professora realiza avaliações com eles para identificar as suas necessidades e elabora um plano de atendimento para cada um. O recebimento de materiais não tem um período certo, o MEC encaminha recursos para a abertura da sala, depois disso a escola e o gestor da rede de ensino – no caso de Pelotas, o CAPTA/SME - assumem.

Os recursos são enviados de acordo com o senso escolar que mostram quais deles a escola precisa. Regletes, jogos, material para braille, tecnologia assistiva, material didático, livros, recursos específicos como bengala e pulsão, entre outros, são alguns exemplos de matérias que compõe a sala multifuncional para o desenvolvimento do AEE.

Perguntamos ainda para a professora se percebe diferença na aprendizagem dos alunos. Respondeu sim, o trabalho dentro da escola é bom, o que resulta em uma grande diferença na aprendizagem do aluno não somente para a escola, mas para a sua vida.

## **CONCLUSÕES**

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho tivemos a oportunidade de aprofundar os nossos estudos sobre o AEE, sobre os alunos atendidos e as propostas de trabalho pedagógico para cada um. Alcançamos os nossos objetivos inicialmente planejados.

A partir das entrevistas realizadas com duas professoras que atuam diretamente na sala de recursos podemos conhecer um pouco do AEE, de seus recursos, sua construção, as metodologias que são utilizadas com os alunos, os profissionais e a sua formação, os alunos que por ela são atendidos, a sua manutenção, os avanços na aprendizagem do aluno, entre outros.

Assim, podemos perceber que não é válido dizer que alunos com deficiência não são capazes de aprender ou colocar metas acima de suas possibilidades. O AEE é o lugar onde os alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação encontram suporte para o ensino.

O professor do AEE precisa conhecer o seu aluno, o que ele já sabe ou seu conhecimento prévio e estimula-lo de forma coerente para sua aprendizagem. Os recursos que temos são diversos e para diferentes fins que são de grande importância. Portanto, acreditamos em um trabalho baseado num conhecimento específico nessa área e que busque estimular as crianças à aprendizagem, isso é necessário, possível e acontece.

## REFERÊNCIAS

Damázio, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado** Pessoas com Surdez SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007

FERREIRA, Júlio Romero. A nova LDB e as necessidades educativas especiais. Cad. **CEDES**. [online]. Set. 1998, vol.19, no.46 [citado 19 Janeiro 2004], p.7-15. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300002&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0101-3262.

Batista, C.A.M. Atendimento Educacional Em Deficiência Mental In: Mantoan, M.T.E. **Atendimento Educacional Especializado** Deficiência Mental SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007

MEC/SEESP Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

Sá, Elizabet Dias de. Campos, Izilda Maria de. Silva, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado** Deficiência Visual SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007

Schirmer, Carolina R. Browning, Nádia. Bersch, Rita. Machado, Rosângela. Atendimento **Educacional Especializado** Deficiência Física SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007